

# O egoísmo e sua aplicação na teoria ética de Ayn Rand

Franciny Costantin Senra<sup>1</sup>

## RESUMO

Nesse trabalho pretendo apresentar e discutir a concepção ética proposta por Ayn Rand. Ela caracteriza a ética a partir do termo Objetivismo, o qual denota o projeto de basear a filosofia em uma realidade passível de ser apreendida objetivamente, sendo a razão o único meio para alcançar tal apreensão. O homem deve usá-la como única orientação para execução de seus atos, vivendo, assim, pelo julgamento independente de sua própria mente. Ayn Rand aponta a realização da nossa própria felicidade como o maior propósito moral a ser alcançado, de modo que o código moral do altruísmo – como é denominado por ela o preceito de que a obrigação moral do homem é viver para os outros, em função dos outros, sacrificando-se por vezes, em detrimento dos demais indivíduos – deverá deixar de ser percebido como exclusivamente bom em relação ao egoísmo. O egoísmo passará a ser, então, outro conceito fundamental dentro da ética objetivista, pois, a partir dele, o homem irá priorizar a individualidade através de princípios inteiramente racionais. É somente nela da razão que pode ser fundada uma moralidade com caráter lógico, com rigor tal para que possa torná-la verdadeira e necessária. O valor supremo do homem a ser considerado é a própria vida, os demais valores estão diretamente ligados à vida. E é por meio da razão que o indivíduo irá definir o código de valores que determinará sua conduta, código esse baseado no auto-interesse, em um egoísmo racional, voltado para a preservação de seu valor supremo, através de sua vida como ser racional.

**Palavras-chave:** Egoísmo. Razão. Ética.

<sup>1</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade de Londrina (UEL).  
E-mail: franciny\_cs@yahoo.com.br

# ABSTRACT

In this article, I intend to present and discuss the ethical concept proposed by Ayn Rand. She characterizes Ethics from Objectivism, which denotes the project of basing philosophy on a reality that can be captured objectively, with reason as the only mean to achieve such capture. People should use it as the only guidance for performing their actions, thus living the independent judgment of their own mind. Ayn Rand shows the realization of our own happiness as the highest moral purpose to be achieved. Thus, the moral code of altruism – as she denominates the precept according to which the moral obligation of man is to live for others, sometimes sacrificing himself in detriment of other individuals – should no longer be perceived as exclusively good in relation to selfishness. Selfishness will then be another fundamental concept within the objectivist ethics. Based on selfishness, man will give priority to individuality through entirely rational principles. It is only through reason that morality can be grounded with a logical character, with such accuracy that can make it real and necessary. The supreme value of man to be considered is life itself as the other values are directly related to life. In addition, it is through reason that the individual will set the code of values that will determine his conduct. This code is based on self-interest in a rational selfishness, dedicated to the preservation of his supreme value, through his life as a rational being.

**Keywords:** Selfishness. Reason. Ethics.

Ayn Rand, nascida em 1905 na Rússia, desenvolveu toda a sua filosofia nos Estados Unidos a partir da década de 20. Trabalhou como roteirista em Hollywood, tendo até mesmo produzido uma peça na Broadway. Seu reconhecimento foi alcançado pela publicação de diversos romances, onde sua filosofia pode, aos poucos, começar a ser extraída. Ela alcançou a fama em 1943 com a publicação de *A Nascente*. Mas foi com *A Revolta de Atlas*, publicado em 1957, que atingiu amplo reconhecimento. A partir da década de 60, voltou-se propriamente para a filosofia, criando o sistema que ela mesma denominou como *Filosofia Objetivista*. Ainda é válido ressaltar que a filósofa não seguiu carreira de professora em nenhuma universidade, e nem suas obras estiveram inseridas no circuito acadêmico. Esse breve histórico foi realizado apenas para contextualizar a filósofa, visto que seu trabalho é pouco conhecido e explorado no Brasil.

Sendo assim, o foco desta pesquisa é exatamente este: explorar a contribuição de Ayn Rand para a filosofia e, também, analisar como se desenvolveu a sua própria linha de pensamento. Ocupar-me-ei com essa adequada apresentação de sua filosofia, explorando os aspectos gerais do que caracteriza o seu sistema filosófico. Posteriormente, vou adentrar para o objetivo específico proposto: a análise da ética objetivista e suas respectivas implicações. Isso acarretará na explicitação do conceito chave que desencadeará o restante do trabalho: o egoísmo racional. Para tanto, é necessário realizar já, de antemão, uma adequada distinção conceitual. Isso se deve a confusões e diversas concepções que esse conceito carrega consigo – e não me refiro, aqui, ao seu caráter de senso comum que será amplamente debatido posteriormente no decorrer do trabalho.

O egoísmo pode ser trabalhado em diversos âmbitos, sendo abordadas, aqui, as distinções adequadas no que se refere às três

caracterizações específicas de egoísmo. São elas: *egoísmo psicológico*, *egoísmo ético* e *egoísmo racional*. Na primeira delas, o *egoísmo psicológico*, temos o caráter de amor próprio diretamente relacionado, ou seja, o objetivo final de cada indivíduo é o próprio bem estar. Isso se dá na medida em que, mesmo ao querer e fazer bem ao outro, o que estamos buscando é a nossa própria satisfação, como um desejo último que se refere a nós mesmos. Nesse caso, deve-se primar por ações que maximizem o próprio prazer, o próprio bem estar. É preciso estar atento ao fato de que o egoísmo psicológico é uma teoria de caráter eminentemente descritivo, revelando, no caso, que a essência do egoísta se mostra como tal. Já no que se refere ao *egoísmo ético*, este possui um caráter normativo, diferente do que foi abordado anteriormente. Sendo assim, para que uma ação seja considerada moralmente certa, é necessário que o auto-interesse seja maximizado. Nosso único dever então seria buscar promover o que é melhor para nós mesmos. É importante lembrar – e diferenciar do ponto anterior – que “o egoísmo ético é uma *teoria* ética, não um padrão de ação ou traço de caráter, e é compatível com o ser humilde e altruísta na prática.” (FRANKENA, 1969, p. 33) Para finalizar, é preciso também analisar o conceito de *egoísmo racional* - este se encontra diretamente ligado à abordagem ética objetivista de Ayn Rand. O egoísmo racional está bastante relacionado ao egoísmo ético, mas possui características fundamentais que o diferenciam. Possui também um aspecto normativo e se configura como uma teoria ética, afirmando que uma ação moral deve considerar a maximização do auto-interesse, mas este deve ocorrer racionalmente. Essa busca pelo próprio interesse terá sempre como guia a razão, e isso acarreta consequências específicas no tratamento de uma ética egoísta. A diferença essencial entre o egoísmo ético e o egoísmo racional estas justamente, nesse ponto: na necessidade essencial da presença da razão como orientação moral para o indivíduo.

Para cumprir a proposta de apresentar a abordagem ética elaborada pela filósofa Ayn Rand, é preciso antes conhecer seu sistema filosófico, denominado Objetivismo. A autora, ainda não muito conhecida no Brasil, exerceu grande influência no pensamento filosófico desenvolvido no século XX nos Estados Unidos. Ela defende a razão contra as mais variadas formas de irracionalismo. Sua obra constitui um todo, abrangendo as diversas áreas da filosofia, configurando-se como um sistema. É importante ressaltar, já no início deste trabalho, que Rand acredita que sua filosofia é um projeto inovador, e afirma não ter se baseado em leituras anteriores para sua elaboração. Isso não significa que não possam ser estabelecidas algumas relações, entretanto não é possível afirmar baseado em alguma afirmação da autora que ela tenha se apropriado de determinados temas já antes pensados especificamente por alguns autores. O que pretendo, neste trabalho, é apresentar, de maneira breve, seu sistema filosófico, direcionando para a problemática ética. Seu projeto instigante, de grande repercussão nos Estados Unidos na época em que foi apresentado (visto as entrevistas, por exemplo, que ainda hoje podemos acompanhar), já pode ser percebido nas palavras introdutórias de Leonard Peikoff - que organizou a apresentação desse sistema filosófico em uma obra denominada *Objetivismo: A filosofia de Ayn Rand* - “A filosofia de Ayn Rand mudou milhares de vidas, inclusive a minha, e tem o poder de mudar o curso da história.” (PEIKOFF, 2000, p. 11).

Objetivismo é o nome dado por Rand à sua filosofia, compreendendo o projeto de baseá-la em uma realidade objetiva, de qual os fatos não possuem qualquer interferência de emoções ou desejos dos homens. Para ser possível a apreensão objetiva da realidade, é necessário que os homens utilizem da razão - sendo esse o único meio para que o homem possa compreender a realidade e, também, a razão a única fonte de conhecimento, o único guia para

as nossas ações. Cada homem é um fim em si mesmo, devendo, pois buscar o próprio benefício, por meio da valorização do auto-interesse racional, tendo como maior meta a própria felicidade. Tendo a razão como principal orientação, o sistema proposto pela autora irá advogar contra todas as formas de irracionalismo, defendendo o indivíduo em detrimento do coletivismo, e da liberdade contra a servidão. “Em primeiro lugar, sua metafísica é a realidade objetiva. Em segundo lugar, sua epistemologia é a razão. Em terceiro, sua ética é o interesse próprio. Por fim, sua política é o capitalismo.” (CONSTANTINO, 2007, p. 13) Esse é o caminho percorrido pela autora para formar seu sistema filosófico, em que um ponto culmina na formação do outro. Sendo os campos da filosofia decorrentes uns dos outros, seu sistema também será, conforme descrito por Constantino. Entretanto, neste trabalho, o foco principal é a abordagem ética.

De maneira mais detalhada, em um primeiro momento o Objetivismo destaca a realidade com sua existência inegável e independente. Ou seja, a realidade, sendo uma existência objetiva, não depende da consciência que o homem tem dela; não tem necessidade de existir a partir da tomada de conhecimento; não é construída pela mente humana, existe por si. Disso decorre a apreensão dessa realidade a partir dos sentidos. Com base na observação sensorial, os seres humanos são capazes de, por meio da razão, identificar, analisar e integrar o conhecimento adquirido pelos sentidos – possibilitando a formação de conceitos. Os conceitos se tornam a forma de organizar os dados sensoriais. Isso implica a rejeição do ceticismo, já que a verdade pode ser alcançada pelo uso da razão – o conhecimento verdadeiro se encontra na relação entre a mente e a realidade; entre a consciência e a existência.

A partir dessa tomada de consciência diante do que se apresenta ao ser humano, é possível tomar a decisão sobre a atividade da própria mente. Com isso, Rand quer dizer que o ato de pensar depende da vontade e do esforço do indivíduo. Isso nos difere essencialmente dos demais animais, pois “o homem não pode sobreviver, como os animais o fazem, orientando-se através de meras percepções.” (RAND, 1991, p. 30) Os animais são capazes de sobreviver apenas valendo-se de reações automáticas, os homens não. Rand apresenta a definição de três estágios da consciência específicos: em um primeiro momento, temos a sensação, como dito anteriormente, resultante de estímulos dirigidos aos órgãos dos sentidos. O estágio seguinte é a percepção, na qual as sensações são automaticamente (os animais também são capazes de tê-las) armazenadas pelo cérebro. Entretanto, no que se refere mais especificamente ao homem, encontra-se o estágio conceitual, capaz de formar os conceitos. Esse último estágio é o facultativo, dependendo essencialmente da racionalidade. Esta é definida como a faculdade que irá identificar e integrar o material fornecido pelos sentidos do homem a partir de sua apreensão da natureza. Conforme relata Rand,

A virtude da Racionalidade significa o reconhecimento e aceitação da razão como a nossa única fonte de conhecimento, nosso único juízo de valores e nosso único guia de ação. Significa nosso total comprometimento para com um estado de atenção pleno e consciente, com a manutenção de um foco mental completo em todas as questões, em todas as escolhas, em todas as nossas horas de vigília.” (Ibidem, p. 35)

Ela propõe um processo que denomina *focar a mente*. Por não ser um processo mecânico, o homem pode decidir agir de acordo com a razão. Aqui se encontram os pressupostos da valorização

do indivíduo – esta será a base das considerações morais, já que a razão é um atributo individual e não coletivo. É também por esse motivo que, como será tratado posteriormente, o auto-interesse racional será valorizado moralmente, voltado para a vida como valor supremo a ser considerado. Sendo assim, o propósito de um Estado deve ser a defesa dos direitos do indivíduo à vida e à liberdade, protegendo-o da violência física bem como da quebra de contrato – sendo essa a função legítima do Estado. Os parâmetros objetivistas foram estabelecidos pela autora, e como dito anteriormente, geram um sistema que reflete nos diversos campos da filosofia, sendo decorrentes uns dos outros.

A razão, como o instrumento maior voltado para a sobrevivência do homem, é parte fundamental para tornar uma consciência saudável. Por consciência saudável entende-se uma mente capaz de integrar conceitos e apreender a realidade, portando-se de maneira independente. Seu direcionamento está apontado para fornecer ao homem o controle da realidade. Com papel igualmente essencial, a auto-estima será conceito chave para que possamos atingir o domínio de nossas vidas. Essa auto-estima transpassa como confiança no próprio esforço e em seus valores – os quais devem ser admitidos racionalmente como um guia, determinados pela própria escolha<sup>2</sup>. Branden<sup>3</sup> deixa claro o que pretende na defesa da auto-estima, ao propor: “Quando um homem de auto-estima escolhe os seus valores e estabelece as suas metas, quando projeta seus propósitos de longo alcance, os quais unificarão e guiarão

---

<sup>2</sup> O trabalho parece exaustivo na medida em que reforça, a todo momento, a importância do conceito de razão bem como suas implicações. Entretanto, essa é uma característica marcante da autora, já que, em suas obras, ela reforça constantemente o problema.

<sup>3</sup> Nathaniel Branden foi associado à Ayn Rand e contribuiu muito com a promoção do Objetivismo. Trabalhou com a filósofa escrevendo publicações para *The Objectivist Newsletter*.



suas ações – é como uma ponte lançada ao futuro, pela qual sua vida passará.” (BRANDEN, 1991, p. 49) Para a concretização desses princípios, qualquer modo de misticismo está extinto. A fé não pode ser confiável por não ser perceptível e não dar evidências. Ao adotar-se a fé como guia, o indivíduo está predisposto a ter sua visão suspensa e um julgamento incapaz de compreender e formar conceitos racionais – tal processo vai contra o conhecimento, já que este requer base na realidade, e não em aspectos místicos e fora do alcance racional.

Algumas consequências podem ser apontadas a partir da valorização da auto-estima. Para que se possa alcançá-la, o esforço se apresenta como ferramenta fundamental para a apreensão da realidade. Aqui há uma distinção clara entre as concepções usualmente assinaladas para os conceitos de orgulho e humildade. Para que a auto-estima possa ser atingida, o orgulho é apenas a resposta em relação à eficiência na busca pelos próprios objetivos. Ou seja, o orgulho é positivo na medida em que é decorrente de suas ações diretamente integradas com o uso da razão - enquanto a humildade se refere à ausência do pensamento, já que não está se referindo à busca pela eficácia nas ações. Outro meio de perceber a recompensa obtida de suas ações é o mecanismo do prazer e da dor. Nesse sentido, o prazer é a recompensa direta de uma ação bem sucedida, e a dor, ao contrário, é claramente a consequência do fracasso. Além do caráter de retribuição psicológica, essa alegria sentida é também um estímulo para o indivíduo continuar agindo corretamente. “Ao permitir que o homem experimente, em sua própria pessoa, o sentido de que a vida é um valor, e que ele é um valor, o prazer serve como combustível emocional da existência do homem.” (IBIDEM, p. 80) São apontadas cinco áreas que contribuem na experiência da chamada alegria da vida, sendo essas ligadas umas às outras, que são: o trabalho produtivo, o relacionamento humano, a recreação,

a arte e o sexo. É válido lembrar que no que diz respeito às relações humanas, estas não devem ser movidas por sentimentos de interesses irracionais, de piedade ou qualquer outra emoção que descaracterize o ser humano. Tais relações devem estar baseadas na admiração aos demais indivíduos.

Para melhor compreender o sistema objetivista, além de recorrer à obra *A Virtude do Egoísmo*<sup>4</sup> - que compreende a reunião de alguns ensaios que expõem sua filosofia – Rand também utiliza obras de ficção para divulgar sua teoria. Dessa forma, é possível contar com suas tramas e personagens para ter uma apreensão melhor de sua proposta. Em sua obra de maior abrangência – *A Revolta de Atlas* – através dos diálogos e relações entre os personagens, podemos encontrar os contornos claros do que é defendido por Rand.<sup>5</sup>

Após a apresentação do Objetivismo, o foco seguinte é a análise de suas implicações diretas e detalhadas na ética. A moralidade é caracterizada como um código de valores adotado pelos indivíduos, por decisão própria, para guiar suas escolhas e ações. É por código que ele irá julgar o que é certo ou errado, o que é bom ou mau. Os valores são tudo aquilo pelo qual alguém age,

---

<sup>4</sup> Esta obra reúne ensaios escritos, não apenas por Ayn Rand, mas também conta com contribuições de Nathaniel Branden, que esteve ligado ao Objetivismo.

<sup>5</sup> A trama de *A Revolta de Atlas* ocorre nos Estados Unidos, relatando como os produtores e empresários estão desaparecendo sob o peso da intervenção do governo e do coletivismo. Dentre os personagens podemos destacar Dagny Taggart, Hank Rearden e Francisco D'Anconia: estes são os que lutam por seus valores, fazem suas escolhas racionalmente e não se rendem aos apelos dos demais personagens e do governo. No decorrer da obra o governo irá romper com as empresas produtivas, obrigando-as a compartilhar o mercado com as empresas mais fracas. Os vilões retratados na trama – quase todos ligados ao governo – renunciam ao uso da racionalidade e à produção, buscando a sobrevivência saqueando os que realmente produzem. A questão que permeia todo o livro *Quem é John Galt?* faz referência a esse personagem, o próprio John Galt, que utiliza seu método único de modo inabalável, estando sempre em acordo com os fatos – mesmo que sejam desagradáveis – agindo racionalmente perante a realidade.

seja para ganhar ou para manter. Partindo dessa noção, percebe-se que a adoção de valores exige que existam pessoas capazes de estabelecer metas, para que possam se concentrar em agir de modo a atingir um objetivo. Por ser estritamente racional, apenas os seres humanos são capazes de viver baseados em um código de valores, ou seja, viver moralmente. Como valor supremo de cada indivíduo - do qual os demais valores serão derivados - temos a própria vida. Os seres vivos agem na manutenção de sua vida, lutando para não deixarem de existir. Assim, a vida é o padrão que define os valores, e o que implica a sua manutenção são os valores intermediários - estes serão designados no decorrer da vida do indivíduo, sendo apontados conforme forem expostas suas necessidades, de modo que todas as contribuições referentes à própria vida deverão ser adotadas como valores intermediários a serem perseguidos, almejando a manutenção do fim último. No caso dos homens, como o processo não é automático, está implícita a necessidade da escolha de como agir, conscientemente ou não<sup>6</sup>. Sendo essa escolha racional, o código adotado apontará para a direção que sustente a própria vida. Já, optando pela irracionalidade, o indivíduo pode até mesmo ser guiado para a sua própria destruição.

O próximo passo então é considerar adequadamente o conceito de egoísmo - sem qualquer conotação pejorativa que este possa conter - , muito utilizado por Rand para explorar sua ética objetivista. Na introdução da obra *A Virtude do Egoísmo*, ela esclarece o conceito egoísmo:

No uso popular, a palavra “egoísmo” é um sinônimo de maldade; a imagem que invoca é de um brutamontes homicida que pisa sobre pilhas de cadáveres para alcançar seu próprio

---

<sup>6</sup> Essa escolha *consciente* refere-se ao uso da razão conforme foi exposto anteriormente, adotando o código de valores. Caso o indivíduo não opte por segui-la, ainda assim será responsável por seus atos.

objetivo, que não se importa com nenhum ser vivo e persegue apenas a recompensa de caprichos inconsequentes do momento imediato. Porém, o significado exato e a definição do dicionário<sup>7</sup> para a palavra “egoísmo” é: preocupação com nossos próprios interesses. Este conceito não inclui avaliação moral; não nos diz se a preocupação com os nossos próprios interesses é boa ou má; nem nos diz o que constitui os interesses reais do homem. (RAND, 1991, p. 14)

Essa visão negativa do egoísmo contribuiu para que passasse a figurar entre os homens a chamada *ética do altruísmo*, entendida como a busca constante pelo bem-estar do outro, pela qual apenas as ações realizadas em benefício dos demais indivíduos são consideradas boas<sup>8</sup>. Porém, pode-se pensar, também nesse caso, que o conceito de altruísmo não inclui avaliação moral, assim como ocorre com o egoísmo, pois tal conceito, em si mesmo, não nos diz se a preocupação com os interesses dos outros é boa ou má, nem o que constitui os interesses dos outros. Para Rand, uma ética que tem como base o altruísmo apresenta como ruim o desejo de viver do homem, pela qual não devemos nos ocupar com nossos próprios interesses. A autora defende que essa é a situação atual encontrada (não cita autores, em

---

<sup>7</sup> Essa é uma citação direta da obra de Ayn Rand. É importante ressaltar que podemos encontrar em dicionários, divergências quanto à referência exata para a palavra egoísmo. Em alguns casos, é atribuído sim um caráter negativo. O que a autora pretende é esclarecer a concepção do termo dentro de sua filosofia – despojado desse caráter negativo.

<sup>8</sup> A definição e características referentes ao altruísmo devem sempre ser pensadas nos termos de Rand, ou seja, inseridos no cenário de crise moral que a autora descreve. É importante ter esse posicionamento sempre claro, pois, em geral, suscita dúvidas e desacordos quando comparado com outras definições para altruísmo. “A alternativa é a visão de que a obrigação moral primária do homem é servir a alguma entidade outra que não a si próprio, como por exemplo, Deus ou a sociedade, ao custo de subordinar ou negar seu próprio bem-estar. Dentro dessa visão, a essência da moralidade é a ausência de egoísmo, o que envolve alguma forma de abnegação (...). Alguém egoísta, dentro da visão objetivista, significa alguém que se auto-sustenta por um ato de escolha e por uma questão de princípio.” (PEIKOFF, 2000, p. 219).

especial, que tenham defendido essa tese), em que somos ensinados, desde cedo que a preocupação com o outro é boa enquanto o auto-interesse, o egoísmo, é ruim. Em defesa da vida, é esse o motivo pelo qual o egoísmo entra em ação. Por isso a necessidade de uma adequada explanação acerca desse conceito central, que visa o homem como um fim em si mesmo. O egoísmo deve ser determinado objetivamente, e não através de sentimentos arbitrários.

Decorrente da extrema valorização do altruísmo, o homem aparece com o dever de se sacrificar pelos outros, sendo considerado moralmente bom, apenas se mantiver uma preocupação constante pelos demais indivíduos. Aqui, encontra-se o conceito de auto-sacrifício, caracterizado pela disposição dos interesses aos demais indivíduos para que, assim, possa justificar sua existência. Todavia, segundo Rand, o homem não deve ser responsável pelos outros, pois está designado para buscar a própria felicidade. Para tal, é preciso que o homem retome sua auto-estima, que volte a se importar com seus próprios interesses, que seja guiado por um egoísmo racional, ou seja, que a razão seja o guia que dirigirá o auto-interesse. É importante notar que o egoísmo é racional na medida em que está de acordo com o padrão de valor que é a própria vida; entretanto, o altruísmo é irracional, pois não coloca a vida do indivíduo em primeiro lugar. Rand o considera irracional por não estar baseado nos interesses do próprio indivíduo (nos casos descritos por ela), mas em sentimentos arbitrários. A questão central proposta é não se sacrificar pelos outros, assim como não sacrificar os outros por si. Não podemos deixar que o amor ao próximo, a preocupação exacerbada com os demais indivíduos seja maior do que nosso amor próprio, rebaixando, desse modo, nossa auto-estima.

Ao questionarmos o porquê da ética, o porquê da existência de um código de valores, precisamos saber que, além de ser

fundada essencialmente na razão, a ética possui uma necessidade objetiva. Apenas a mente humana tem capacidade de adentrar essa realidade. Para tanto, não é, também, possível fundar a ética relacionada ao conceito de Deus, ou até mesmo de sociedade, já que estes ferem o princípio do auto-interesse e da supremacia da razão.

Ayn Rand afirma que a valorização do altruísmo produz um cenário de crise moral, caracterizado essencialmente pela corrupção da própria moralidade. Isso ocorre na medida em que nossos próprios interesses são vistos como algo nocivo, e que os beneficiários de nossas ações devem ser quaisquer outros que não nós mesmos. Por sua descrição, ao relacionarmos a ética ao altruísmo, deparamos-nos com a noção de obrigação em relação aos outros, de modo que, logo, criamos antipatia pela própria moralidade, já que, em nenhum momento, seremos nós mesmos o foco de nossas ações. O altruísmo, ao apontar como nociva a busca pela própria felicidade, fere nosso desejo de viver, a própria vida do homem. Dessa forma, nada temos a ganhar com a moralidade, já que a mira de nossas ações será sempre os demais indivíduos, e teremos que esperar que os outros se sacrifiquem em nosso benefício. É possível perceber claramente como se caracteriza esse cenário de crise a partir dos diálogos dos personagens da obra *A Revolta de Atlas*, como é o caso dessa fala proferida pelo personagem James Taggart:

Todo mundo concorda que tudo o que você faz é bom desde que não seja por você mesmo [...] Não é vantagem nenhuma respeitar um homem que merece respeito – é apenas pagar o que lhe é devido. Conceder respeito imerecido é o gesto supremo de caridade... Mas eles são incapazes de um gesto de caridade. Não são humanos. Não sentem nada pelas necessidades dos outros... nem pelas fraquezas dos outros. Não sentem a menor preocupação... nem piedade. (RAND, 2010, Vol. 2, p. 61)

A possível solução para essa crise encontra-se na valorização da racionalidade, primando pelo egoísmo. No primeiro capítulo de *A Virtude do Egoísmo*, denominado *A Ética Objetivista*, Ayn Rand opta por utilizar, como referência, o personagem principal de *A Revolta de Atlas*, John Galt. Ela utiliza do discurso proferido por ele: “Sim, esta é uma era de crise moral... Seu código moral alcançou seu clímax, um beco sem saída ao final do seu trajeto. E se você deseja continuar vivendo, o que precisa agora não é retornar à moralidade... mas descobri-la.” (RAND, 1991, p. 20) É nesse ponto que a moralidade do altruísmo é colocada em questão.

Tendo claro o conceito de egoísmo a ser pensado, pode-se partir para a construção da moralidade de um novo código de conduta moral. O indivíduo deve ser a base das considerações morais, pela utilização de seu atributo exclusivo, a razão - sem qualquer intervenção da fé ou de possíveis sentimentos e emoções; ao contrário, uma moralidade com caráter lógico, constituída com rigor tal que a torne verdadeira e necessária. O homem, detentor da razão, deve usá-la como única orientação para execução de seus atos, vivendo, desse modo, pelo julgamento independente de sua própria mente. É pela da razão que o indivíduo irá definir o código de valores que determinará sua conduta: código este baseado em seu auto-interesse, no caso o egoísmo acima abordado, voltado para a preservação de seu valor supremo, através de sua vida como ser racional. Não devemos considerar a ética como certa, já dada a nós sem antes ser investigada. Ela deve ser descoberta pela da razão. A preocupação máxima da moralidade passa a ser a busca pelos próprios interesses, pelos quais o homem deve ser o foco das próprias atitudes morais, e não os demais indivíduos. Percebemos então que o valor supremo do homem é a própria vida; os demais valores estão diretamente ligados à vida, pois sem ela nada mais existe para o homem, nada mais poderá ter valor. O homem não sabe, automati-

camente, o que é bom ou ruim para sua sobrevivência; para tanto, precisa aprender a escolher como agir, tomar decisões de forma consciente. É nesse sentido que o homem precisa de um código de valores que possa exercer a função de orientação. O homem precisa escolher um padrão de valor, escolha que se dá por meio racional: só assim o homem poderá ser guiado para um código de valores que sustente sua vida. Entretanto, é preciso esclarecer que o nosso próprio julgamento acerca de nossas escolhas é apenas um meio para atingir tais decisões, e não um critério da moralidade. O homem não pode considerar moral qualquer ato por ele praticado, sendo ele o próprio beneficiário. O ponto em questão não é agir apenas para satisfazer os próprios interesses e desejos irracionais, ou a impulsos sem consideração racional. A ação direcionada ao próprio interesse se dá no sentido em que

seu direito de fazer tal coisa é derivada de sua natureza como homem e da função dos valores morais na vida humana – e, por conseguinte, é aplicável somente no contexto de um código de princípios morais racional, objetivamente demonstrado e validado, que defina e determine seu real auto-interesse. (Ibidem, p. 18)

É possível perceber a clara conexão entre o conceito de egoísmo e de razão, onde uma moralidade do auto-interesse racional se dá através de um egoísmo racional. Para elaboração de um código de conduta, o homem precisa conhecer o mundo que o cerca. Para tal, deve-se utilizar de seu instrumento de cognição, a razão. Assim ocorre na ética, fundamentada unicamente na razão, e não nos sentimentos; nas emoções, nos costumes ou, até mesmo, na ideia de dever. A ética é percebida como uma necessidade objetiva para a sobrevivência do homem, para não retornar a um cenário de crise. Ela não é meramente uma convenção social, nem uma questão subjetiva que pode ser interpretada com base em meros caprichos.



Rand deixa claro que o ser humano, para configurar-se como tal, precisa descobrir, através do próprio esforço e da própria mente, as funções essenciais de sobrevivência características de um ser racional, sendo estas o pensamento e o trabalho produtivo. Os homens que não se valem dos recursos racionais para a própria sobrevivência são iguais aos demais animais, agindo apenas segundo as necessidades momentâneas. É apenas pelo uso de sua mente que o homem pode escolher o próprio rumo, tomar decisões, construir os próprios valores e traçar os próprios objetivos, não estando baseado em sensações, impulsos ou instintos. Essa sobrevivência a que a autora se refere não se dá no sentido do sobreviver físico, momentâneo; mas ocorre enquanto escolhas, enquanto o homem se caracteriza como ser humano. A necessidade do trabalho produtivo é fazer com que nossa mente sustente nossa própria vida, ou seja, permita que o meio ambiente seja ajustado a nós próprios, e não o contrário, como ocorre com os demais animais – em que estes se ajustam ao meio ambiente. É através da própria produtividade que o homem é capaz de se realizar. Rand aponta como *princípio social básico da ética Objetivista* a valorização do homem como um fim em si mesmo, não como um meio para outros fins, como o bem-estar dos outros.

É preciso, entretanto, sempre estar atento para as consequências decorrentes de um julgamento moral desferido. As pessoas não devem se omitir de pronunciar tais julgamentos morais, afinal, essa atitude pode prejudicar a quem for correto e contribuir para os indivíduos que tem preceitos equivocados. Mas não se deve fugir às responsabilidades do que for proferido. O medo dessa responsabilidade é que gera o preceito que, muitas vezes, rege o pensamento dos homens, sendo uma postura de neutralidade moral, qual seja: *Não julgue, que não será julgado*. Enquanto que o

princípio deveria ser: *Julgue e esteja preparado para ser julgado*. Aqui retornamos ao ponto central dos valores morais exigidos. O silêncio adotado, ou a fuga dos julgamentos caracterizam uma sociedade irracional. Uma sociedade racional só será possível quando os indivíduos tomarem consciência de suas responsabilidades e da necessidade de não se omitirem.

Algumas outras decorrências de tal construção, defendidas veementemente pela autora, serão expostas adiante. Da ética egoísta ainda precisam ser explorados outros pontos importantes, como a defesa dos direitos individuais, as implicações em uma sociedade que não prime pelo coletivismo, o modo como o egoísmo racional se porta diante de situações de emergência, entre outras questões detalhadas por Rand. Por ainda não ser posta em prática, a proposta ainda está defronte dessa crise por ela caracterizada, e que expõe resultados considerados maléficos para os homens.

Sendo assim, é preciso também retomar a diferença entre o que significa uma ação caridosa e um auto-sacrifício. Ao defender o egoísmo, uma dúvida que sempre vem à tona é: *Não podemos então praticar ações em benefício de outras pessoas?* O foco da ética objetivista é ter como guia a própria razão, para que possa buscar a realização dos próprios interesses, e não excluir qualquer possibilidade de ajuda aos outros. O que a autora exclui veementemente é o auto-sacrifício. Esse *sacrifício* ocorre na medida em que renunciamos ao nosso valor máximo: a nossa própria vida e a necessidade de preservarmos acima de qualquer outro. Me utilizo do esclarecimento de Peikoff para esse ponto:

O egoísmo, conseqüentemente, não significa que um homem deva se isolar dos outros ou permanecer indiferente a eles. Pelo contrário, uma visão correta do egoísmo requer que um homem identifique o papel dos outros em sua própria vida e então os avalie adequadamente. (PEIKOFF, 2000, p. 225)

Outro problema possível resultar desse ponto é o conflito de interesses que pode haver entre os homens, possibilitando o aparecimento do seguinte problema : diante da situação, em que dois indivíduos possuem o mesmo objetivo, qual deles é merecedor e qual deve se sacrificar. Rand dedica um capítulo em *A Virtude do Egoísmo* para essa questão, onde ela explica detalhadamente qual o procedimento a ser adotado nesses casos. Ela enumera quatro momentos que devem ser analisados nesse tipo de situação: *realidade, contexto, responsabilidade, esforço*. Rand defende que não existe conflito de interesses entre dois homens racionais. No que se refere à realidade, é preciso compreender adequadamente o que são – e quais são - os interesses, que devem ser adotados em vista de um objetivo específico e racional, e não meramente como um desejo tolo a ser satisfeito. Quando um homem adota um objetivo, o faz não baseado simplesmente no fato de *desejar* ou *ter vontade*. Ele deve escolher seus desejos após identificá-los racionalmente, sendo possível validá-los dentro de um determinado contexto – ou seja, que de fato seja possível e adequado alcançá-los. É também necessário que o indivíduo avalie a situação inserida em toda a sua vida, e não como um momento separado dela, percebendo se ele é merecedor de alcançar o objetivo diante do próprio esforço – essa configura a situação de contexto. Em relação a vida em sociedade deve-se estar preparado e contar com a própria eficiência para alcançar as metas. Nos casos em que se deve contar com a cooperação de outros indivíduos, por exemplo, essa contribuição restringe-se a sua própria habilidade em persuadi-las bem como com a boa vontade e a disposição delas. No caso da *responsabilidade* e do *esforço*, os próprios nomes já denotam suas respectivas funções. Deve-se ter uma responsabilidade intelectual para buscar os valores que o guiarão, para decidir se quer usar a própria razão como guia de suas ações, se quer focar a própria mente sendo capaz

de participar ativamente da construção do mundo – e não apenas tomar o mundo como dado e ser apenas alguém que se contente em viver ignorando o que o cerca. E o esforço precisa estar aliado com a produtividade, para que seja possível merecer o alcance da meta planejada. Em suma, é possível avaliar a situação de conflito de interesses da seguinte forma: o mero *querer* de alguém não implica sua qualificação para alcançá-lo – nem seu prejuízo caso seja privado do mesmo; é preciso que esteja preparado e qualificado para buscar pelo sucesso de seu objetivo, levando em consideração a preparação do outro indivíduo e a situação que os cerca. “O Objetivismo responde que não há conflitos de interesses entre homens *racionais*, que vivem de sua produção e troca, que aceitam a responsabilidade de fazer por merecer qualquer valor que desejam e que se recusam a fazer ou aceitar sacrifícios.” (Ibidem, p. 224)

Temos ainda presente outra discussão de Rand sobre o amor incondicional em relação a todos os indivíduos – algo que ela rejeita. Rejeitar, pois a preocupação com os demais indivíduos será resultado do próprio código de valores estabelecido, visto que serão reconhecidos os mesmos valores nos indivíduos merecedores de admiração – o que não significa que quem não for merecedor possa ter seus direitos violados. Esse amor incondicional ou uma caridade suprema colocaria todos em um mesmo patamar: os que possuem e seguem valores racionais e os que agem de modo arbitrário e não merecem sequer apoio. “Amar a todos de forma igualitária é dispensar o julgamento de valor, é colocar todos no mesmo saco, é abdicar da razão, é condenar os bons e enaltecer os maus.” (CONSTANTINO, 2007, p. 73) Disso conclui-se que o próprio amor e a amizade nos termos do Objetivismo são egoístas, pois estão atrelados aos indivíduos com os quais nos identificamos e, conseqüentemente, reafirmamos nossa auto-estima. Desejar e buscar promover o bem estar de quem se ama é também promo-

ver o próprio bem estar, já que ver a felicidade de quem amamos torna-se nossa própria felicidade – mas isso só é possível mediante uma identificação de valores, visto que só é possível amar quem admiramos. Por isso, nesses casos, quando empreendemos alguma atitude em benefício de quem amamos não configura um sacrifício, pois será convertido em felicidade para si.

Aproveitando o contexto, Rand defende como devemos nos portar diante das situações de emergência.<sup>9</sup> Quando estamos frente a uma dessas situações devemos avaliar quais as condições presentes. Em primeiro lugar é preciso observar qual o indivíduo que corre perigo. Se for alguém que amamos, não restam dúvidas: podemos nos dispor a salvá-lo, independentemente dos riscos envolvidos e das consequências que podem ser derivadas. Isso poderia parecer contraditório frente ao Objetivismo conforme exposto no primeiro capítulo deste trabalho, mas não é visto, o que acabou de ser avaliado no que se refere ao amor. A resposta, diante dessa situação, é simples: é preferível perder a própria vida para salvar, ou ao menos tentar salvar alguém que amamos do que viver com a dor da perda ou ainda a culpa de nada ter feito para evitar a morte da pessoa amada. “Se é o homem ou a mulher que se ama, então se deve estar pronto para dar a própria vida para salvá-lo(a) – pela razão egoísta de que a vida sem a pessoa amada poderia ser insuportável.” (RAND, 1991, p. 60) Contudo a situação se torna diferente quando o indivíduo, em risco, é algum estranho, caso onde se deve avaliar a situação como um todo. Se a situação dada não envolver riscos – ou seja, não envolver um sacrifício – para quem se propuser a salvar a pessoa em perigo, podemos sim fazer o possível para ajudar quem pede por socorro. Entretanto, se a situação envolver riscos sérios, não devemos nos sacrificar, pois assim estaremos des-

---

<sup>9</sup> Por *situações de emergência* vamos compreender situações em que algum indivíduo corra risco de vida.

valorizando nossas próprias vidas. Decorrente disso Rand elabora um critério a ser seguido quando devemos ajudar alguém, relacionado com à própria referência do auto-interesse racional: tudo o que for investido em detrimento da outra pessoa deve ser proporcional ao que a pessoa representa para a sua felicidade.

Este é o foco essencial da construção proposta por Ayn Rand: uma ética objetivista, um egoísmo racional. Tal moralidade deve ser necessária e verdadeira; por ela, o homem terá como única orientação a razão, e seu propósito maior é a realização da própria felicidade, vivendo como um fim em si mesmo, primando pelo auto-interesse racional. Estando destinado à própria felicidade, o homem, por si mesmo, deve tomar medidas para alcançá-la, sem esperar que os outros busquem fazê-lo feliz. Rand considera a ética altruísta como a fonte de um colapso que ameaça o mundo civilizado, e para tal, é preciso reconhecer o real valor do egoísmo racional. “É a filosofia que estabelece os objetivos dos homens e determina seu rumo; é apenas a filosofia que pode salvá-los agora. Hoje, o mundo está enfrentando uma escolha: se a civilização deve sobreviver, é a moralidade altruísta que os homens precisam rejeitar.” (Ibidem, p. 47)

## Referências

BRANDEN, Nathaniel. Saúde Mental Versus Misticismo e Auto-Sacrifício. In: RAND, Ayn. *A Virtude do Egoísmo*. Traduzido por On LineAssessoria em Idiomas; tradução revista por Winston Ling e Cândido Mendes Prunes. Porto Alegre: Ortiz/IEE, 1991, p. 48-56.

\_\_\_\_\_. Não Somos Todos Egoístas?. In: RAND, Ayn. *A Virtude do Egoísmo*. Traduzido por On LineAssessoria em Idiomas; tradução revista por Winston Ling e Cândido Mendes Prunes. Porto Alegre: Ortiz/IEE, 1991, p. 75-79.

\_\_\_\_\_. A Psicologia do Prazer. In: RAND, Ayn. *A Virtude do Egoísmo*. Traduzido por On LineAssessoria em Idiomas; tradução revista por Winston Ling e Cândido Mendes Prunes. Porto Alegre: Ortiz/IEE, 1991, p. 80-88.

CONSTANTINO, Rodrigo. *Egoísmo Racional: O individualismo de Ayn Rand*. Rio de Janeiro: Documenta Histórica, 2007.

FRANKENA, William K. *Ética*. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PEIKOFF, Leonard. *Objetivismo: a filosofia de Ayn Rand*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: Ateneu Objetivista, 2000.

\_\_\_\_\_. *The Ayn Rand Library: The Voice of Reason*. New York: Meridian, 1990.

RAND, Ayn. *A Revolta de Atlas*. Tradução de Paulo Henrique Brito. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Virtude do Egoísmo*. Traduzido por On LineAssessoria em Idiomas; tradução revista por Winston Ling e Cândido Mendes Prunes. Porto Alegre: Ortiz/IEE, 1991.

\_\_\_\_\_. *Philosophy: Who Needs It*. New York: New American Library, 1984.